

## DA QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL: MEMÓRIAS E DOCUMENTOS SOBRE O TRABALHO NO RAMO DE LATICÍNIOS

Ana Elizabeth S.Alves/UESB  
Gilneide de Oliveira Padre Lima/CEFET-BA  
Manoel Nunes Cavalcanti Júnior/CEFET-BA  
Agência financiadora: FAPESB

Eixo Temático: Historiografia da educação brasileira e história comparada

Até o início da década de 1930, a indústria de laticínios na Bahia era caracterizada pela produção incipiente, dispersa e sem nenhuma política pública que a apoiasse. Apesar de possuir um rebanho considerável, o estado não conseguia produzir o suficiente para atender à demanda, ficando assim na dependência da importação de produtos derivados do leite produzidos na região sudeste do país, principalmente a manteiga.

No intuito de modificar esta realidade, o governo de Juracy Magalhães resolveu adotar medidas no sentido de estimular a indústria de derivados de leite na Bahia. Uma das regiões que concentrariam tais esforços seria a de Conquista e seu entorno, tradicional área da pecuária baiana e uma das pioneiras da indústria de manteiga do estado.

As ações do governo, através da Secretaria de Agricultura, giravam em torno de três eixos básicos: educação, racionalização industrial e fomento. Foi criado o serviço de Fomento à Indústria de Laticínios pela Secretaria de Agricultura. Como instrumentos auxiliares na implantação desta política o governo utilizou os Postos Experimentais de Laticínios (o de Conquista foi instalado em 1934) e o Instituto de Pecuária da Bahia, criado por meio do Decreto 9593, de 15 de julho de 1935. Ao mesmo tempo que criou o Instituto, o governo fundou também a Cooperativa Instituto de Pecuária da Bahia, cujo objetivo maior seria “um aparelhamento de crédito e de orientação técnica, que permitisse aos criadores e industriais, a seleção de seus rebanhos e o seu melhor aproveitamento...”.(BALEEIRO, 1936, p.1085)

No que diz respeito ao auxílio técnico, a Cooperativa utilizaria as fazendas modelos, as estações de monta e os postos de laticínios para fornecer aos seus associados ensinamentos práticos de zootecnia, veterinária, higiene animal e aproveitamento industrial dos subprodutos. Tal orientação seria sempre racional e científica. (BALEEIRO, 1936, p.1088)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Tal idéia também é enfatizada por RAMOS, Álvaro N. *Função Técnica da Cooperativa Instituto de Pecuária da Bahia*. in Revista Bahia Rural. Ano III, maio e junho, nº 33 e 34, 1936. p. 1093.

Essa preocupação em fornecer orientação técnica para o bom desenvolvimento da indústria de laticínios na Bahia, e em especial na região de Conquista, levou o governo estadual a agir em duas frentes. A primeira por meio de uma Estação de Monta, responsável pelo serviço de melhoramento das raças do rebanho leiteiro e formação de boas pastagens. Esses fatores eram fundamentais para o aumento da produção da matéria-prima. (RAMOS, 1936. p. 1095). Esta política de se investir no melhoramento do plantel leiteiro teve continuidade, haja vista que na passagem da década de 1930 para a de 1940 o governo estadual investiu na compra de gado jersey e holandês, gado este que se destaca na alta produtividade de leite.<sup>2</sup> A segunda frente seria a do auxílio técnico à parte industrial, ficando tal tarefa sob a responsabilidade do Posto Experimental de Laticínios.

O discurso construído na época enfatizava duas grandes necessidades para o desenvolvimento da indústria de laticínios na Bahia: investir na organização industrial e no incentivo ao trabalho cooperativo entre produtores de matéria-prima e fabricantes. O Posto Experimental viria a contribuir para esta política no momento em que oferecesse educação rural e sanitária, inspeção e instrução sobre organização industrial e comercial. (AGUIAR, 1936, p.1123).

Essas linhas de ações foram seguidas por um dos mais destacados técnicos do Posto, Ivo Freire de Aguiar. Em artigo publicado na revista Bahia Rural, no ano de 1936, ele aponta as diretrizes que deveriam nortear a ação do Posto e que resumem bem seu trabalho à frente daquela unidade. (AGUIAR, 1936, p.1123-1127).

Segundo Aguiar, o caminho a seguir continuaria sendo o do investimento na educação rural e sanitária, além do fomento à produção, realizados por meio do ensino ambulante através de funcionários especializados. Estes visitavam constantemente as fazendas e ali realizavam demonstrações práticas, com vistas à formação técnica tanto dos seus proprietários como também dos operários encarregados do serviço com os derivados. Essas demonstrações versariam sobre o controle e classificação da matéria-prima e produtos fabricados.

A educação técnica e sanitária consistiriam, segundo Ivo Freire, da ministração de ensinamentos práticos nas fazendas de criação sobre a organização de pastagens, culturas de gramíneas e melhoramento do rebanho com vistas ao aumento da produção leiteira. Os produtores e demais operários envolvidos no processo de produção de manteiga e queijo aprenderiam técnicas de ordenha racional e higiene deste processo, controle leiteiro, meios

---

<sup>2</sup> Arquivo Público do Estado da Bahia, Biblioteca, Relatório do Interventor Renato Onofre Pinto de Aleixo para a Presidência, 1945, exercício de 1943, p. 101 e 102.

de evitar a contaminação, purificação e desinfecção do leite, além de métodos de desnatagem, depósitos de leite e creme e modo de se operar as máquinas desnatadeiras. Havia uma preocupação com o ensino do controle de todo o processo produtivo, indo desde o estudo da composição do leite, passando pela correta utilização dos utensílios e máquinas, até o correto modo de transporte da produção.

O Posto ficaria responsável também em fornecer projetos e instruir sobre a construção de estábulos para a ordenha higiênica. Todo o processo de qualificação técnica de fazendeiros e interessados seria reforçado por palestras educativas, demonstrações, instruções e propagandas difundidas por meio de folhetos.

Em Conquista o Posto Experimental de Laticínios deu início às suas atividades em 1934. O local de funcionamento ocupou o prédio onde existia a Cooperativa Laticínia de Conquista, empresa que já há algum tempo encontrava-se com os trabalhos paralisados. A casa ainda existe, localizando-se na Praça Vítor Brito, centro da cidade. Com a intermediação de Arlindo Rodrigues, prefeito interino, os donos da cooperativa cederam alguns cômodos para o Posto<sup>3</sup>. No final de julho de 1934, o editor do jornal *O Combate* foi convidado a visitar as instalações.<sup>4</sup> Segundo ele, o estabelecimento ocupava quatro salas, sendo forradas com tábuas e uma delas cimentada. As paredes eram revestidas de escarirole até a altura de 1,5 metro, formando as salas quatro seções de serviço.

Na sala da frente estava a *Seção de Manteiga*, com uma desnatadeira, batedeira, malaxadeira, salgadeira, mesas para confecções de queijos, tudo em bases de escarirole. Nesta mesma sala havia um compartimento com vedação de tabiques, onde ficava o *Laboratório*, dispendo de aparelhamento para a análise de leite, creme, manteiga e queijo. Havia uma mesa de azulejo, próxima à parede onde existia uma pia com água encanada.

Uma segunda sala abrigava a *Seção de Queijos*, sendo composta por um tanque de depósito, um coagulador, prensa, formas e uma mesa de azulejo para a maturação. Em seguida vinha a *Sala de Maturação*, última seção do posto onde os produtos e novos experimentos ficavam em período de cura e observação para o estudo de anormalidades que porventura pudessem surgir.

Ainda segundo o jornalista, a Prefeitura auxiliou na implantação do Posto. A Secretaria de Agricultura do Estado gastou na instalação 2:800\$000 (dois contos e oitocentos mil réis). No que diz respeito aos gastos com os aparelhos de química e

---

<sup>3</sup> A casa onde funcionou o Posto era de propriedade de Dona Ana Mendes, irmã do Coronel Deraldo Mendes, chefe político da região e proprietário da Fábrica de Manteiga Elza, tendo como sócio o seu cunhado o Sr Américo da Silva Almeida.

<sup>4</sup> Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, Jornal O Combate, 28/07/1934, nº 48, p. 1.

maquinaria, todos comprados no Rio de Janeiro, o valor chegou a 14:000\$000 (catorze contos de réis).

No Posto de Laticínios desenvolviam-se várias atividades direcionadas para um mesmo fim. Uma delas voltava-se para a produção experimental de laticínios, análise em laboratório dos componentes do leite, disseminação de tecnologias e instruções sobre a instalação de usinas de beneficiamento, fábricas de laticínios, entrepostos de leite, cooperativas, postos de desnatação, etc.

Nessa mesma época iniciou-se o Curso Prático de Laticínios que funcionava na sede do Posto Experimental de Laticínios, regulamentado pela Secretaria da Agricultura, Industria, Comércio, Viação e Obras públicas da Bahia, em 1934, com o objetivo de instruir preferencialmente, em primeiro lugar, os filhos dos fazendeiros, industriais ou operários deste ramo, interessados no conhecimento da tecnologia do leite e seus derivados, tendo como professores técnicos agrônomos (PONDÉ, 1934, p.86; REVISTA BAHIA RURAL, 1936, p.1211).

O currículo do Curso era composto de aulas práticas sobre pecuária leiteira e laticínios. Durante o seu funcionamento produziam-se variados tipos de queijos e manteiga, não só para capacitar os alunos em relação ao feitiço dos produtos, normas de higiene, mas também para ensiná-los a comercializar, relacionando os produtos segundo os ingredientes, tipos e preços tabelados pela Secretaria da Agricultura. O curso era gratuito, oferecia um máximo de vinte vagas por ano, tendo a duração mínima de dez meses e, era essencialmente prático: “aprender fazendo”, ensinando um ofício ligado a produção e destinado à formação de uma força de trabalho manual.

Ao final do Curso, após exame de habilitação, perante uma banca examinadora, os alunos recebiam um certificado concedendo o título de “Prático em Laticínios”, fornecido pela Secretaria da Agricultura do Estado. De acordo com o regulamento de criação do curso, os primeiros colocados no exame deveriam ser preferidos nas indicações quando surgissem vagas em cargos para o exercício profissional. No primeiro ano de seu funcionamento o curso diplomou cinco práticos que foram trabalhar em fábricas de manteiga baianas e mineiras, sendo a única oportunidade de uma profissionalização regulamentada para rapazes na cidade.

No primeiro semestre de 1934, o jornal O Combate publicou em várias edições a chamada para a matrícula no curso prático. A previsão para o início das aulas seria em 1º de junho. Talvez o plano não tenha se concretizado, pois em entrevista o Sr. Washington

Mendes Ferraz Moreira disse ter pertencido à primeira turma do curso, e estudou no posto entre janeiro e junho de 1935.

Filho de fazendeiro da região, natural de Conquista e então com 20 anos de idade, o Sr. Washington ingressou no curso prático em laticínios com vistas a se qualificar e trabalhar no ramo de laticínios. Juntamente com outros quatro rapazes, tiveram aulas com Francisco Veloso Pondé e Ivo Freire de Aguiar. O primeiro ficava responsável pela parte de zootecnia e eventualmente dava aulas, enquanto o segundo ensinava as técnicas de produção e manuseio do derivado do leite. As aulas aconteciam nos sábados e domingos pela manhã. As provas eram realizadas no laboratório do posto, onde pela primeira vez ele viu e utilizou um microscópio.

Ainda segundo o Sr. Washington, inicialmente o curso não foi recebido na cidade com muito entusiasmo. Porém, à medida que os resultados do trabalho do curso e do Posto foram aparecendo, a aceitação foi aumentando. Começou a ficar visível a melhoria no aproveitamento do leite nas fazendas.

Nas notas publicadas no jornal O Combate, entre 1935 e 1937, pode-se observar a direção do Posto Experimental divulgando as datas de entrega de certificados de conclusão do Curso Prático aos alunos que o freqüentaram, fazendo referências ao local e à importância dos convidados para o evento, demonstrando que este representava um momento solene para a cidade (JORNAL O COMBATE, 1935).

A concepção do Curso estava voltada para a qualificação profissional de rapazes que tinham a intenção e as condições de no futuro tornarem-se pequenos proprietários ou empregados em indústrias de laticínios, como também o objetivo de modernizar a produção nas propriedades da família ou tornarem-se funcionários para o exercício do “ensino ambulante” em fazendas da região. Foi o caso do Sr. Washington. Concluído o curso em junho de 1935, começou a trabalhar na fazenda da família Mendes Almeida, onde se localizava a fábrica de manteiga Elza. Seria aquele o seu primeiro trabalho remunerado, onde ficou por seis anos. Chegou a ajudar na organização da Cooperativa de Laticínios Nova Canaã Ltda, localizada na atual cidade de Nova Canaã, sudoeste da Bahia. Acabou por trabalhar nesta área de laticínios por quase sessenta anos.

Iniciados os trabalhos do curso em 1935, várias turmas foram sendo formadas semestralmente, porém sempre com um número reduzido de alunos. Em relatório da diretoria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado da Bahia, faz-me menção de seis

alunos diplomados no ano de 1935.<sup>5</sup> No relatório de atividades do Posto, escrito por Ivo Freire de Aguiar no ano de 1942, três alunos se matricularam no curso e apenas um concluiu, Custódio Alves da Silva. Vale salientar que neste mesmo ano, além de Ivo Freire, outros dois funcionários eram lotados ali: Austerberto Mendes Resende e Eduardo de Oliveira Rosa, ambos práticos em laticínios diplomados pelo estabelecimento.<sup>6</sup>

Nos depoimentos colhidos com ex-alunos, verificamos que o Curso cumpriu uma importante função educativa na qualificação de práticos em laticínios, sendo responsável pelo fomento e desenvolvimento da produção de manteiga e queijo do tipo Camponês em meados da década de 30 que perdura até hoje, além de ter propiciado os conhecimentos necessários à abertura de negócio próprio no ramo de laticínios.

A documentação pesquisada aponta para o pleno funcionamento do Posto Experimental até o ano de 1938. A partir daí, parece ter se iniciado uma fase de dificuldades para o seu funcionamento. No relatório de 1942, Ivo Freire pede para que recursos sejam enviados com o intuito de reorganizar o Posto. As condições técnicas e higiênicas já não atendiam às necessidades, impedindo de acompanhar o desenvolvimento da pecuária do sudoeste baiano. Dessa mesma forma, as limitações não permitiam o pleno funcionamento das atividades de fiscalização, assistência e controle da matéria-prima nas fazendas e fábricas da região, dificultando o progresso técnico do ramo de laticínios. Segundo ele, o governo do Estado deveria abrir em Conquista uma Fábrica-Escola, nos mesmos moldes dos Estados laticinistas do sul do país.<sup>7</sup>

Mesmo em meio às dificuldades, o Posto continuou a exercer suas funções. Em 1942 foram realizadas 632 análises de leite; as aulas práticas continuavam a ser ministradas, ao mesmo tempo em que eram produzidos manteiga extra-fina e de primeira, e queijo Prato, Reno, Cobocó, Parmeson, Camponês, Lunch, Minas, Chester, Camembert, Cavallo e Gruiere. Colaborou com a Sociedade Rural do Sudoeste Baiano para a realização da 1ª Exposição Regional do Sudoeste. Manteve as inspeções e vistorias nas fábricas da região, bem como o serviço de propaganda e divulgação, com publicação de artigos técnicos na imprensa local, e o incentivo ao cooperativismo.<sup>8</sup>

Não foi possível identificar o ano exato do fechamento do Posto. Imagina-se que tenha funcionado até meados da década de 1940. Em uma edição do Jornal *O Conquistense*

---

<sup>5</sup> Arquivo Público do Estado da Bahia, Sessão Republicana, Secretaria de Agricultura, caixa 2391, maço 192, documento 793.

<sup>6</sup> Arquivo Público do Estado da Bahia, Sessão Republicana, Secretaria de Agricultura, caixa 2461, maço 279, documento 1414.

<sup>7</sup> Idem, ibdem.

<sup>8</sup> Idem, ibdem.

de abril de 1956, faz-se referência ao seu fechamento, “já há muitos anos”. Apontam-se motivos vagos, tais como caprichos de secretário de Estado e falta de interesse de diretores de serviço.<sup>9</sup> Em artigo no mesmo jornal, Ivo Freire de Aguiar, antigo diretor do Posto, afirma que “uma administração inoperante” o transferiu para destino ignorado e acabou por não funcionar mais em nenhuma parte.<sup>10</sup>

Fato é que o Posto Experimental marcou época no incentivo à indústria de laticínios na região. Ainda segundo Ivo Freire, “embora pequeno em suas instalações, esse estabelecimento agigantou-se em realizações (...) extinto o Posto Experimental de Laticínios, a indústria bahiana, descontrolada, teve seu padrão de qualidade reduzido ao mínimo...”<sup>11</sup> De acordo com o editor de *O Conquistense*, o Posto “...deu à zona uma plêiade de técnicos, perfeitamente habilitados a desempenhar, o mister dos laticinistas, como os melhores saídos de grandes escolas.”<sup>12</sup>

O impacto das atividades realizadas pelo Posto Experimental perdurou por anos, mesmo após a sua extinção. No início da década de 1950, a Associação Comercial, a Prefeitura e as classes produtoras da cidade solicitaram ao governo do Estado a reabertura do Posto. Em 31 de dezembro de 1954, já no final do seu governo, Régis Pacheco (1951-55), que tinha sido prefeito em Conquista, sancionou a Lei nº 697 que concedia créditos de Cr\$469.460,00 (quatrocentos e sessenta e nove mil quatrocentos e sessenta cruzeiros) para a Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio adquirir a fábrica de laticínios Ialta. Com isso, o governo do Estado tentaria restabelecer o Posto Experimental de Laticínios, que funcionário anexo à Escola Profissional de Conquista.<sup>13</sup>

Esta fábrica pertencia a Ivo Freire de Aguiar, o mesmo que havia sido diretor do Posto de Laticínios. No Jornal *O Combate*, de 21/02/1952, é noticiada a inauguração da *Indústria Ialta* na semana anterior. Ela se localizava na Praça Barão de Macaúbas, nº 3, onde também existia uma escola estadual: Escola Estadual Barão de Macaúbas. Além de Ivo Freire, o Sr. Benício Santos é também citado como um dos seus proprietários. Eram, respectivamente, diretor técnico de laticínios e diretor mecânico. A fábrica forneceria leite preparado para crianças, queijo e manteiga. O jornal dá destaque para as técnicas modernas

---

<sup>9</sup> Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, Jornal *O Conquistense*, 07/04/1956, nº 15, p. 6.

<sup>10</sup> *Idem*, 21/04/1956, nº 17, p. 2.

<sup>11</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>12</sup> *Idem*, 07/04/1956, nº 15, p. 6.

<sup>13</sup> Ver o site [www.bahia.ba.gov.br/cgibin](http://www.bahia.ba.gov.br/cgibin)

utilizadas no estabelecimento e o seu maquinário elétrico, especialmente os filtros centrífugos e os pasteurizadores.<sup>14</sup>

Em 1956, a esperança da concretização da transformação da Fábrica Ialta em Fábrica Escola ainda era presente entre integrantes da sociedade conquistense, como Ivo Freire. Saíram artigos onde se comentava a respeito do assunto, imaginando-se que o governo do Estado, agora nas mãos de Antônio Balbino (1955-59), fosse pôr em prática os planos do governo anterior. O governo parece ter de fato adquirido a fábrica, mas a inexistência de documentação e depoimentos de familiares de Benício Santos, sócio de Ivo Freire na Ialta, nos levam a crer que os planos de abertura da primeira fábrica-escola de laticínios da Bahia não saíram do papel.<sup>15</sup>

Do ponto de vista das transformações históricas que estavam acontecendo no mundo do trabalho naquela época, compreendemos que a implantação do Posto Experimental de Laticínios no Município e a instalação do Curso Prático de Laticínios refletem as influências do processo de intensificação do capitalismo industrial e o papel da intervenção econômica do Estado.

A instalação do Posto Experimental de Laticínios em Vitória da Conquista ocorreu, portanto, num momento caracterizado pela necessidade de reforçar na região uma ideologia que difundisse a idéia de “engrandecimento e progresso da nação” e de modernização dos processos de produção e, para tanto, mostrava-se como fundamental discutir formas para abrir um mercado de trabalho para os jovens, formar uma classe trabalhadora para sustentar esse desenvolvimento, conciliando os interesses da burguesia agrária local.

Esses dados obtidos a respeito do Posto Experimental de Laticínios na região de Vitória da Conquista ilustram o avanço do modo capitalista de produção e de vida, abrindo possibilidades de avançar estudos acerca das transformações técnico-organizacionais do capitalismo industrial para a organização da produção no campo e a sua relação com o processo de qualificação profissional de trabalhadores e produtores rurais.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ivo Freire de. *Regulamentação e Fiscalização da Indústria de Laticínios*. In: Revista Bahia Rural. Ano III, maio e junho, nº 33 e 34, 1936. p. 1123.

---

<sup>14</sup> Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, Jornal O Combate, 21/02/1952, p. 4.

<sup>15</sup> Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, Jornal O Conquistense, 07/04/1956, nº 15, p. 6; 21/04/1956, nº 17, p. 2.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA, Biblioteca, Relatório da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 1933, Imprensa Oficial do Estado, 1936.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA, Biblioteca, Relatório do Interventor Renato Onofre Pinto de Aleixo para a Presidência, 1945, exercício de 1943.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA, Sessão Republicana, Secretaria de Agricultura, caixa 2390, maço 190, documento 777.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA, Sessão Republicana, Secretaria de Agricultura, caixa 2391, maço 192, documento 793.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA, Sessão Republicana, Secretaria de Agricultura, caixa 2461, maço 279, documento 1414.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, Jornal O Combate, BA. 28/07/1934, nº 48, p. 1.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, Jornal O Combate, BA. 21/02/1952, p. 4.

\_\_\_\_\_, 08 abr. 1934, nº32, p.01.

\_\_\_\_\_, 29 abr. 1934, nº35, p.01.

\_\_\_\_\_, 29 jun. 1934, nº48, p.01.

\_\_\_\_\_, 11 ago. 1934, nº01, p.03.

\_\_\_\_\_, 09 jun. 1935, nº37, p.04.

\_\_\_\_\_, 16 jun. 1935, nº38, p.01.

\_\_\_\_\_, 14 mai. 1936, nº32, p.01.

\_\_\_\_\_, 10 jan. 1937, nº21, p.01.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, Jornal O Conquistense, 07/04/1956, nº 15, p. 6.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA, Jornal O Conquistense, 07/04/1956, nº 15, p. 6; 21/04/1956, nº 17, p. 2.

BALEEIRO, Arquibaldo. *Finalidades da Cooperativa Instituto de Pecuária da Bahia*. In: Revista Bahia Rural. Ano III, maio e junho, nº 33 e 34, 1936. p. 1085.

PONDÉ, Francisco Velloso. Notas sobre indústria animal. Bahia, 1934.

RAMOS, Álvaro N. *Função Técnica da Cooperativa Instituto de Pecuária da Bahia*. in Revista Bahia Rural. Ano III, maio e junho, nº 33 e 34, 1936. p. 1093.

REVISTA BAHIA RURAL, Salvador, BA, ano II n.18, jul, 1936.